

Geral

O VOO DE RODRIGO Do telhado de casa para a Nasa

Gaúcho realiza sonho ao conquistar bolsa na maior agência espacial do mundo

LEANDRO BECKER

Quando era adolescente, Rodrigo Nemmen da Silva saía de casa à noite escondido dos pais e subia no telhado para observar as estrelas em Passo Fundo.

Hoje, aos 29 anos, o cientista gaúcho faz pós-doutorado e vê o universo com outros olhos, em um centro de pesquisa da Nasa, a agência espacial americana.

Há três meses, ele estuda no Goddard Space Flight Center e mora em Greenbelt, no Estado de Maryland, Estados Unidos. Mas o caminho até a maior agência espacial do mundo começou aos oito anos.

– Meus pais contam que peguei a imagem de uma galáxia num livro e perguntei o que era, onde terminava o universo e o que era um buraco negro. Eles não souberam me responder. Desde então, minha curiosidade só aumentou – conta.

Na adolescência, Rodrigo já sonhava com descobertas científicas. No Ensino Médio, devorava livros e despertou o gosto pela astronomia. Optou por cursar Física. A decisão surpreendeu os pais, Nayme e Leandro, que preferiam ver o filho advogado ou dentista. Hoje, o sucesso na carreira é a prova de que Rodrigo tinha razão. Em 2003, concluiu o bacharelado em Física na UFRGS. Dois anos depois, finalizou o mestrado em Astrofísica. No ano passado, foi a vez do doutorado na mesma área.

No final de 2007, ele publicou um trabalho que obteve repercussão internacional. Rodrigo criou um método que estima quão rápido os buracos negros giram e descobriu que

eles atingem velocidades próximas à da luz. A teoria ajudou a compreender melhor como os buracos negros gigantes podem afetar a evolução das próprias galáxias que os hospedam e vice-versa. A descoberta abriu as portas para um voo mais alto.

Eclético, a ponto de ouvir metal, MPB e música gauchesca, Rodrigo planejava cursar o pós-doutorado fora do Brasil. O sonho era conquistar uma fellowship, bolsa que dá liberdade para conduzir a própria pesquisa.

Foi o primeiro brasileiro selecionado em programa

Após enviar currículos para instituições da Europa e dos EUA, ele se inscreveu em uma bolsa financiada pelo governo americano no programa de pós-doutorado da Nasa, elaborou um projeto de pesquisa e foi o primeiro brasileiro a ser selecionado. Desde agosto, aprimora os conhecimentos em astronomia e astrofísica. O trabalho reúne uma equipe de cientistas e mescla estudo, paciência e dedicação.

– Estar aqui hoje é a realização profissional, um sonho quase inacreditável e uma oportunidade única para desenvolver meus projetos – afirma.

Além de colaborar com cientistas de todo o mundo, Rodrigo fica por dentro de tudo o que ocorre nas missões espaciais e observatórios astronômicos da Nasa. A duração da bolsa é de dois anos, mas o período de estudo pode ser estendido por mais um ano.

Longe de casa, Rodrigo segue olhando para o céu, mas muito mais perto das respostas às dúvidas da infância.

leandro.becker@zerohora.com.br

As dicas de ouro

Para chegar à Nasa, é preciso:

- **Gostar de ciência**, especialmente Física e Matemática
- **Estudar bastante** e com dedicação, não só para tirar boas notas
- **Graduar-se em** Física, Astronomia, Engenharia ou Geofísica e fazer iniciação científica
- **Escolher uma** instituição renomada na área escolhida
- **Falar inglês** fluentemente
- **Concluir o doutorado**, fazer pós-doutorado e dar visibilidade ao trabalho desenvolvido
- **Ter curiosidade**, paciência, perseverança e dedicação



Cientista de Passo Fundo desenvolve pesquisas nos Estados Unidos

Lado a lado com um Nobel

No Goddard Space Flight Center, Rodrigo trabalha com mais de 10 mil pessoas de todas as partes do mundo, distribuídas em 34 prédios. A estrutura impressiona, e o local tem até animais silvestres, como raposas e cervos.

As normas de segurança no centro da Nasa são rígidas – a instituição governamental também desenvolve pesquisas espaciais e aeronáuticas. O acesso é ainda mais restrito nos locais onde são construídos foguetes e satélites.

Antes de ter a entrada liberada no complexo, Rodrigo esperou um mês até a checagem de seus anteceden-

tes pessoais. A espera, porém, valeu a pena. Perto da sala dele, trabalha John Mather, cientista que ganhou o prêmio Nobel de Física em 2006.

– É indescritível ter a oportunidade de trabalhar ao lado dele e de outras mentes brilhantes – destaca.

A cada dia, Rodrigo conquista mais prestígio. Na curta carreira, já tem trabalhos publicados em revistas internacionais, cujo mérito científico dos resultados é avaliado por experts. Também já contabiliza participações em congressos e visitas a universidades em países como China, Chile, Polônia, Canadá e Grã-Bretanha.

RODRIGO NEMMEN DA SILVA

Estudante gaúcho que faz pós-doutorado na Nasa



Meus pais contam que peguei a imagem de uma galáxia num livro e perguntei o que era, onde terminava o universo e o que era um buraco negro. Eles não souberam me responder. Desde então, minha curiosidade só aumentou.

Saudade do churrasco

Solteiro, o gaúcho compensa a distância da família com novas amizades. Na equipe de trabalho, convive com japoneses, italianos e, claro, americanos. Brasileiros como ele, porém, são poucos.

Recentemente, uma geofísica gaúcha de Tapera visitou o Goddard Space Flight Center por alguns meses. No centro da Nasa, a saudade do Brasil é compartilhada com uma pesquisadora carioca e um estudante de pós-graduação do Ceará.

Apesar da boa adaptação à cultura americana, Rodrigo admite que a alimentação ainda é um grande desafio. O motivo é o costume de tra-

zer a refeição de casa e substituir o almoço por um lanche rápido.

– Há uma cafeteria no meu prédio que serve apenas sanduíches e sopas no almoço. É diferente, mas vale o sacrifício – conta, bem-humorado.

Preparando diariamente uma marmita reforçada, o gremista apaixonado por games afirma que o churrasco é incomparável, assim como o chimarrão e a receptividade dos gaúchos.

– Fazer churrasco aqui é caro e, por incrível que pareça, esqueci de trazer cuia, bomba e erva. A lembrança, porém, nunca sai da cabeça. A saudade é imensa – diz.